

AS IMPLICAÇÕES DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO ÂMBITO ESCOLAR

Giani Peres

RESUMO: Este artigo retrata a historicidade do componente curricular Educação Física, bem como reconhece a posição de inferioridade e marginalidade desse componente frente à hierarquia dos saberes escolares. Discute ainda a questão da formação dos/as futuros/as profissionais da educação desta área do conhecimento que, além de precária, acaba por contribuir para com a perpetuação do *status quo*. Analisa a Educação Física frente aos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), que por sua vez, são fruto do MEC (Ministério da Educação e do Desporto) com base na Nova LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira). Por fim, busca realçar alternativas viáveis para a conscientização dos/as futuros/as profissionais, a fim de extinguir o viés da hierarquia dos saberes que prima pela valorização de um/s determinado/s componente/s em detrimento de outros.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Educação física ; Formação de professores/as.

ABSTRACT: This paper portrays the historical context of the curricular component Physical Education, as well it recognizes the position of inferiority and marginality of this component in the school's hierarchy of knowing. It also discusses the formation of future education professionals from this area of the knowledge which, beyond precarious, even contributes to perpetuate the *status quo*. This paper analyses the Physical Education in the school context and it is based on the PCNs, a product of MEC and the new LDB. At last it searches to enhance viable alternatives for the conscientization of future education professionals, in order to suppress the bias of the school's hierarchy of the knowledge, order which valorizes a specific component in detriment to another.

KEY-WORDS: Education; Physical education; Teachers education.

“A Educação Física, na sua especificidade, tem certamente um papel na construção da justiça, da igualdade e da felicidade que se entrelaçam com as dimensões culturais e corpóreas”

(BRITO, Vera Lúcia, 1997, p.117)

Atualmente, para o componente curricular Educação Física ser passível de compreensão, faz-se necessário um levantamento de informações de como o mesmo vem sendo encarado desde sua incorporação à estrutura curricular da educação brasileira.

A Educação Física hoje é um componente que, na maior parte das vezes, é marginalizado, desconsiderado, discriminado, chegando até a ser excluído dos projetos políticos pedagógicos de algumas escolas. Infelizmente alguns/as profissionais ainda corroboram com esta situação, afirmando que se deve dar maior ênfase às áreas de matemática, lingüística e ciências em detrimento de Artes e/ou Educação Física, por exemplo.

Mas será que sempre foi assim? Será que no decorrer dos tempos esse componente sempre foi alvo de exclusão/preconceito? Será que existe uma hierarquia dos saberes escolares? O que se pensa da Educação Física nos dias de hoje? Essas indagações são pertinentes e importantes, além de gerarem muitas controvérsias. Proponho-me, então, na medida do possível, tentar esclarecê-las neste texto.

Há um pensamento que defende a tese de que a Educação Física está em busca de sua identidade, pois durante sua história, ela, enquanto componente curricular ou disciplina pedagógica, sempre assumiu características das instituições onde era ministrada.

Desta forma Bracht (1992)¹ e Caparroz (1997)² argumentam que a marginalidade em que se encontra tal componente no currículo é fruto das influências recebidas ao longo da história, sendo elas: militar, médica e desportiva. Faz-se necessário ressaltar que ambas tinham como característica o tecnicismo.

Com essas influências a Educação Física passa a incorporar as marcas da instituição onde ela é ministrada. Sendo assim, mediante pesquisas realizadas, percebeu-se que desde a sua implantação no currículo, em 1882 com o parecer de Rui Barbosa, a Educação Física assumiu um caráter higienista e eugenista.

Desse modo, desde as últimas décadas do século XIX e nas primeiras do século XX, a Educação Física no Brasil estava sob influência militar. Seu ensino, por sua vez, baseava-se nas relações (professor/a – instrutor/a / aluno/a – recruta) sendo fortemente primada a hierarquia de controle dos movimentos dos/as professor/as e, sobretudo, a questão da disciplina, da obediência e da subordinação às ordens por parte dos/as alunos/as. Nesta hierarquia estava excluída a hipótese de alteração de papéis.

Esta Educação Física, assim concebida, assumia de certa forma, um papel importante no Brasil, pois associava-se à legitimação do enaltecimento do desenvolvimento da aptidão física como algo responsável pela capacidade de produzir da população, principalmente, da classe trabalhadora que poderia contribuir para com o progresso do país,

¹ BRACHT, Valter. **Educação Física e Aprendizagem social**. Editora Magister, 1992.

² CAPARROZ, Francisco E. **Entre a Educação Física na escola e a Educação Física da escola: A Educação Física como componente curricular**. CEFS/UFES. Vitória, 1997.

almejando que este se transformasse numa futura potência.

Até os anos 30 e 40 o que perdurou foi essa concepção. A partir de então, começa a se cogitar o que Bracht (OP. CIT.) chama de “desmilitarização” da Educação Física, ou seja, começa a se infiltrar uma nova influência, a desportiva.

Simultaneamente com a militar, a influência médica marcou pelos princípios eugenistas e higienistas da Educação Física. Isso significava que os hábitos saudáveis, higiênicos e a perspectiva de aprimorar cada vez mais a raça humana estavam em voga. Esses ideais foram norteadores de todo o pensamento da época, resultando numa forte concepção da Educação Física como perspectiva biológica, ou seja, primando obviamente, pelo físico.

Com esses ideais eugenistas, ou seja, buscando a melhoria e o aprimoramento da raça humana, a Educação Física primava por formar o indivíduo “perfeito”, o homem forte e saudável. A mulher, por sua vez, também teria que ser saudável, a fim de gerar uma prole cada vez mais sadia, objetivando o progresso da humanidade.

Assim sendo, esse caráter médico, paulatinamente, abre margem e passa a sobrepor o pedagógico. A educação ao privilegiar o orgânico, o a-histórico, acaba por recusar seu caráter de disciplina pedagógica. Os objetivos, a metodologia, os conteúdos . . . estavam obscuros e se dispersavam frente ao pensamento vigente na época. A Educação Física, por sua vez, acaba assumindo um papel que não era o seu, afastando-se portanto, de sua verdadeira função enquanto componente curricular.

Após o período das Grandes Guerras surge uma nova linha que começa a influenciar o componente em questão. Começa emergir o pensamento desportivo.

Diante dessa perspectiva muito intensa neste período, as personagens da escola incorporavam novos papéis. A relação professor/a – aluno/a diferenciava-se. O/a professor/a, neste momento, assumia o papel de treinador/a, enquanto que o/a aluno/a correspondia ao de atleta.

Este período pode também ser reconhecido como período de maior número de características exclusivas no campo escolar, pois as crianças que não fossem verdadeiros “talentos ou prodígios esportivos” eram desconsideradas, ou seja, os indivíduos “comuns” que não exibiam tanto destaque nas modalidades esportivas eram marginalizados e, conseqüentemente, excluídos.

Nesta concepção eram realçadas/enfatizadas as marcas de rendimento, os records, a competitividade, a performance e os índices físicos. Além de primar pela rigurosidade dos treinamentos e pela formação de uma idealizada geração *biônica*.

Embora, em todos esses momentos houvesse um caráter tecnicista, o auge dessa influência imperou nos anos 70. Dessa forma, um novo pensamento começa a despontar atingindo firmemente a Educação Física.

Tal pensamento foi responsável pelo caráter assumido pela Educação Física o qual ficou reconhecido como *psicomotricidade*. Tal pensamento está muito vivo atualmente e compreende este componente como um mero instrumento. Isto quer dizer que ela, a

Educação Física, passa a ser de grande *utilidade* no auxílio do ensino dos componentes curriculares, por exemplo: história, matemática, ciências . . . , enfim, de todos os demais que compõem o currículo pedagógico.

Sob essa perspectiva, o componente em questão, perdeu sua especificidade o que acarretou marcas importantes na marginalização do mesmo, reavivando assim, a hierarquia dos saberes escolares. As disciplinas ditas *científicas* deveriam ser mais enfatizadas e enaltecidas em detrimento das demais.

No anos 80 a Educação Física entrou, no que se pode dizer, **crise de identidade**³. Após esta crise, muitos profissionais começaram a trabalhar de forma espontaneísta, isso significava que como o *boom* da pedagogia dita “aberta”, perdeu-se conteúdos, objetivos, critérios de avaliação Enfim, tudo era válido na concepção *oba-oba*. Faça, então, uma ressalva de que é preciso que a pedagogia seja flexível, “aberta”, mas nem por isso precisa ser “escancarada”. Tem-se que delimitar sim, os princípios básicos do ensino desse componente.

Bracht (1992, op. cit. p.24) afirma e reforça esse pensamento quando cita que: “*a questão dos objetivos – conteúdos (métodos de ensino) da Educação Física, é um dos pontos centrais do desenvolvimento de sua identidade pedagógica*”.

Assim sendo, a evolução histórica⁴ da Educação Física foi marcada pelas várias influências recebidas, as quais contribuem para com a concepção atual que tem-se desse componente curricular.

³ Cf. Caparroz, 1997 (op. cit.)

⁴ Um quadro sinóptico da trajetória histórica desse componente encontra-se ao final desse artigo.

Não se pode negar a existência dessa hierarquia de saberes⁵ que, por sua vez, consiste em valorizar as áreas da matemática, língua portuguesa e ciências naturais, classificadas, num primeiro plano, como primordiais. História e geografia ficam num segundo patamar, e, por fim, a educação física e as artes, que se encontram no plano mais baixo dessa hierarquia curricular. Sendo assim, após a crise de identidade o componente Educação Física começa a lutar por sua legitimidade, querendo assim, conquistar um lugar não de superioridade, mas sim, de respeito junto aos demais componentes.

Entrando portanto em conflito, a Educação Física está em busca de seus princípios fundamentais, questionando quais são seus objetivos, seus conteúdos, suas metodologias . . . , passa-se, então, a buscar sua verdadeira essência, com o intuito também de que consiga um lugar digno nesta hierarquia dos saberes escolares.

Desta forma, a Educação Física está lutando para ser compreendida como parte integrante da cultura escolar, isto é, enquanto um componente que desenvolve atividades expressivas dos/as alunos/as tais quais: jogos, ginásticas, danças, esportes, brincadeiras, lutas . . . enfim, como um componente que prime pela produção de cultura do/a educando/a.

Partindo dessa concepção da Educação Física, faz-se mister analisar a lei que rege a política educacional brasileira (LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira – 9394/96). Nesta, a Educação Física é legitimada como um componente da educação básica que deve ser ajustada às diferentes fases em que se encontram os/as alunos/as, ou

⁵ Ao término deste artigo se encontra disposta uma sistematização do meu pensamento acerca da Hierarquia dos Saberes Escolares.

seja, na educação infantil, no ensino fundamental e no ensino médio, tendo caráter facultativo no ensino superior.

Nesta mesma lei, é firmado que o/a próprio/a professor/a das séries iniciais do ensino fundamental e da educação infantil é quem ministrará as aulas desse componente, ou seja, as aulas desse componente, nos períodos citados, não requer mais obrigatoriamente a presença de um especialista. Aqui, torna-se pertinente um outro questionamento já evidenciado no início deste texto. Será que esse/a profissional está preparado/a para tal função a ele/a designada? Qual seria a formação desse/a profissional diante desse componente?

Mediante análises feitas das grades curriculares dos cursos de pedagogia das universidades públicas do estado de São Paulo⁶ constatou-se que tais universidades possuem pouquíssimas disciplinas que desenvolvem a área em questão neste trabalho.

Nestas universidades começa-se a ter um avanço neste campo, embora este seja ainda pequeno. São mais freqüentemente encontradas disciplinas que enviesam o olhar do/a novo/a educador/a, seja concebendo a Educação Física como *recreação* e/ou como *psicomotricidade* . .

Enfim, a especificidade desse componente é algo que é ignorada.

O resultado disso obviamente é a formação enviesada dos/as futuros/as profissionais em relação à Educação Física. Como a formação é deficiente,

⁶ Foram analisadas as grades do ano de 1998 das respectivas universidades: USP (Universidade de São Paulo), UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas) e UNESP (Universidade do Estado de São Paulo – Campus de Araraquara) – pois serão os/as pedagogos/as (profissionais da educação) que irão lecionar nas séries especificadas.

perpetua-se o *status quo* e a marginalidade desse componente é uma constante, visto que muitos/as não sabem como agir diante de sua prática pedagógica.

Já nas séries finais do ensino fundamental e médio as aulas desse componente são ministradas por profissionais especializados, dotados de uma formação específica (curso de graduação em Educação Física), contando com um embasamento teórico mais consistente e uma formação mais ampla. Contudo, essas aulas geralmente são marginalizadas, pois além de terem a carga horária reduzida, muitas vezes acabam por serem ministradas em horários opostos ao que o/a aluno/a estuda, recalçando ainda mais o caráter periférico, reforçando a hierarquia dos saberes.

Essa hierarquia, que tende a ser reproduzida no interior da escola, é uma forma de autenticar que o ensino das áreas de linguagem, de matemática e de ciências deve ser realçado e enfatizado, pois desde o início da educação brasileira este tem sido fortemente valorizado. Essa mesma hierarquia acaba por ser reforçada na Nova LDB, sendo também direcionada por um material elaborado pelo MEC/SEF para nortear a educação brasileira nos dias atuais. Cito, portanto, os PCNs⁷ – (Parâmetros Curriculares Nacionais da Educação Brasileira).

⁷ Os PCNs foram elaborados pelo MEC (Ministério da Educação e do Desporto) e pela SEF (Secretaria do Ensino Fundamental) em 1997 e são compostos por 10 volumes, sendo que o primeiro corresponde ao documento introdutório (de teor explicativo), os demais correspondem aos componentes (língua portuguesa, matemática, ciências, história, geografia, artes e educação física) e, por fim, os dois últimos abrangem os temas transversais que estão em voga na educação brasileira (saúde, pluralidade cultural, meio ambiente, orientação sexual e ética).

Desde 1995 têm-se no Brasil o governo Fernando Henrique Cardoso. A política educacional deste governo desenvolve-se no contexto de elaboração e promulgação desta Nova LDB, repercutindo em algumas mudanças educacionais.

Frente a isso, gostaria de ressaltar um aspecto que acredito ser de grande relevância neste contexto. A educação brasileira acaba por ser direcionada/regida ideológica e eufemisticamente sob a forma de *parâmetros* ou *referenciais*.

O aspecto ideológico que quero ressaltar é que a própria disposição da ordem dos volumes desse material contribui para reforçar, talvez inconscientemente, a hierarquia dos saberes, sendo então: Língua Portuguesa (1), Matemática (2), Ciências (3), História (4), Geografia (5), Artes (6) e por fim, obviamente, Educação Física (7).

Os PCNs, como mencionei, fazem parte de uma série de medidas tomadas pelo atual governo. Em seu conteúdo são abordadas grandes diretrizes dos diferentes componentes curriculares. Tal material foi pensado por este governo, a fim de orientar a prática dos/as profissionais da educação, fornecendo a estes/as um suporte pedagógico de qualidade. O que me chama atenção, porém, é a imensidão de detalhes presente nos PCNs, o que o transformam em verdadeiras “receitas” de como dar aulas.

Especificando o olhar sobre o PCN – EF (Educação Física), nota-se que o mesmo possui, em todo o seu teor, uma visão aligeirada da historicidade desse componente.

Mais adiante, torna-se necessário também expor que o PCN – EF é o

volume “mais fino”, de menor número de páginas. Não que eu considere que quantidade é equivalente a qualidade, mas já que foi realizado um estudo tão aligeirado, poderia ter sido feita uma elaboração mais consistente, com uma argumentação mais densa e específica. Realço ainda um outro porém: Será que isso não iria contra o sistema? Será que a conscientização é algo que se quer que seja valorizado? Talvez essas questões nem sejam passíveis de serem respondidas. Dependerá da perspectiva que cada um irá adotar para atentar-se às ideologias do sistema em que vivemos.

Além disso, como bem destacou o CBCE⁸, faltou algo de muito importante neste material. Faltou simultaneamente em sua elaboração, a contribuição dos/as educadores/as, dos sindicatos, dos fóruns e áreas científicas, em suma, a elaboração ocorreu pela mão de alguns poucos escolhidos, reforçando uma perspectiva enviesada da concepção da Educação Física.

Almejando refletir um pouco sobre a marginalização que tem-se atualmente do componente curricular Educação Física, percebe-se que esta não está só no momento presente, mas remonta de longa data. Desde que foi incorporada

⁸ CBCE - Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (org.) **Educação física escolar frente à LDB e aos PCNs: Profissionais analisam renovações, modismos e interesses.** Ijuí: Sedigraf, 1997.

O CBCE é uma sociedade de caráter científico e cultural que foi fundada em 17 de setembro de 1978. Congrega profissionais e estudantes de diferentes áreas do conhecimento que possuem em comum o interesse pelo desenvolvimento das ciências do esporte. Além de promover e incrementar o estudo dos movimentos humanos como fenômeno biológico, neurocomportamental e sociocultural visa também veicular a produção do conhecimento nas áreas do esporte e manter intercâmbio com entidades nacionais e internacionais, zelando por normas éticas no desenvolvimento de pesquisas nesta área.

no currículo vem sendo desconsiderada e sua importância ignorada. Mas, porque o *status quo* tende a ser reproduzido? Porque com todos os dados que se tem nos dias de hoje o ensino da Educação Física continua sendo alvo de discriminação?

Como já mencionei neste texto a formação dos/as futuros/as profissionais da educação é um tanto quanto deficiente em relação a esse componente, visto que as grades curriculares dos cursos superiores acabam reproduzindo a hierarquia dos saberes e, os profissionais recém-formados e/ou prestes a se formar não têm consciência, na maior parte das vezes, que estão tendo uma formação enviesada. Desse modo, aceitam pacificamente sua formação e raramente a questionam. Isso, infelizmente, reforça o caráter excludente às áreas de Artes e Educação Física.

A Educação Física nas últimas décadas, vem de forma constante, buscar sua identidade e, acima de tudo, sua legitimidade, enfatizando que é um componente que não tem como finalidade preparar e auxiliar na aprendizagem de outros componentes. Pelo contrário, tem seus próprios fins, objetivos, metodologias e contribuições na formação dos indivíduos.

Acima de tudo, acredito numa visão atual da Educação Física enquanto um componente que faz parte de um todo que é a estrutura curricular. Assim sendo, os demais componentes também vem a ser partes que irão constituir este todo, sendo que ambos deveriam ter equivalentes valores, eliminando a concepção de hierarquia, mas contribuindo para com a difusão de uma estrutura harmônica, não discriminatória⁹.

⁹ Ao término deste artigo há um quadro no qual especifico a idealização dos saberes escolares frente ao currículo.

A Educação Física é um componente que é dotado sim, de necessidades diferenciadas, como por exemplo, por trabalhar com a cultura corporal de forma variada, necessita de espaços diferenciados (quadras, campos, clubes, áreas abertas. . .), o tempo tem que ser adequado à realização das atividades, entre outros aspectos. Todavia, nem por isso, merece ser negligenciada ou marginalizada. Luta-se, atualmente, para que ela seja respeitada enquanto tal, pois aborda todo conhecimento social e cultural acumulado durante a evolução histórica da sociedade.

Concordo com Sousa e Vago (1997, p.140)¹⁰ quando tentam construir uma concepção atual que aborde que . . . “*o ensino da educação física se configura como um lugar de produzir cultura, sendo os professores e os alunos os sujeitos dessa produção*”. Além também de conceber a Educação Física como: “. . . *nem domadora de corpos humanos; nem produtora de um raça forte e enérgica; nem celeiro de atletas; nem terapia escolar; nem promotora de uma saúde estritamente biológica.*”

Enfim, com esta visão busca legitimar o ensino do componente em questão especificando que o mesmo não está preocupado simplesmente com os corpos “esculturais”, mas principalmente tem como cerne a preocupação com os corpos “culturais”, corpos que ativamente participam da história da construção de uma nova sociedade, corpos também que pensam, sentem, questionam, produzem e sobretudo, criam.

¹⁰ SOUSA, Eustáquia S. e VAGO, Tarcísio Mauro. O Ensino da Educação Física em Face da Nova LDB. In: CBCE. **Educação física escolar frente à LDB e aos PCNs: Profissionais analisam renovações, modismos e interesses.** Ijuí: Sedigraf, 1997, p. 121-141.

Como pedagoga, acredito utopicamente, que se buscarmos uma formação profissional mais consciente, com certeza conseguiremos. Isso beneficiará principalmente as futuras gerações, pois seus/suas professores/as, esclarecidos/as de seus papéis, procurarão ao máximo possibilitar uma visão ampla a seus/suas alunos/as, sendo esta de grande valia para suas vidas.

Sobretudo, acredito também na concepção do educador Snyders¹¹ (1988, p.229) para quem o educador em sua formação deve ter um embasamento teórico, no qual predomina o pensamento de que todas as disciplinas / componentes curriculares devem receber o mesmo valor. Realça, assim que o papel das atividades físicas e das artes precisa ser mais acentuado, visto que estes componentes encontram-se num patamar inferior se comparado com os demais. E se confrontando com o sistema afirma que . . . *‘exigiria que todas as matérias devendo ser estudadas por todos fossem efetivamente valorizadas – e por todos; tal que não se conceba uma prioridade esmagadora da idéia, com o risco de eliminar tal outro, isto é, na verdade tais alunos: principalmente dar um lugar real ao trabalho técnico, às artes, às atividades físicas’*.

Seria, então, conivente se aceitarmos pacificamente a situação atual. Mas, já que temos consciência da realidade a qual estamos inseridos é mister desvendar os esteriótipos que esses componentes carregam, que por seu caráter prazeroso/ descontraído, acabam também por receber os estigmas de atividades “menos importantes” no âmbito educacional.

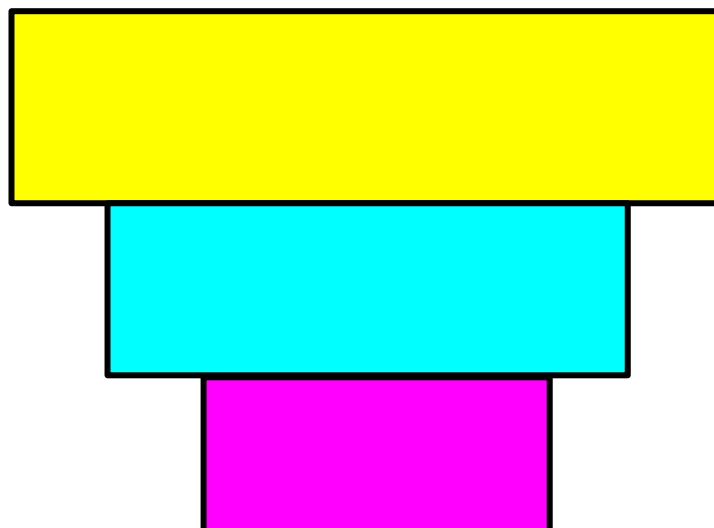
Enfim, buscando a sua legitimidade a Educação Física almeja um “lugar ao sol” na hierarquia dos saberes, não sendo superior, mas como parte integrante de uma estrutura global – currículo – em que cada parte é imprescindível para a formação do todo.

¹¹ SNYDERS, Georges. **Alegria na escola**. Tradução Bertha Halpen Givorvitz, Maria Cristina Caponero. São Paulo: Manole, 1988, p. 229.

Quadro Sinóptico da Historicidade da Educação Física

Final séc. XIX e início séc. XX	Anos 30 e 40	Pós-guerra Anos 50	Década De 70	Anos 80	Hoje Final séc. XX
<p>Influência Militar: Eugenia Saúde Higiene</p> <p>Professor/Instrutor Aluno/Recruta</p>	<p>Influência Médica E Influência Militar</p> <ul style="list-style-type: none"> - Orgânico - A-histórico - Patriotismo - Prole saudável - Trabalhador saudável 	<p>Vai sendo incorporada a Influência Desportiva</p> <p><i>Professor/Treinador</i> Aluno/Atleta</p> <ul style="list-style-type: none"> - Rendimento - Recorde - Índice - Performance - Competitividade 	<p>Sob a ótica da psicomotricidade</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ed. Motora - Atos mecânicos - Ed. Física Instrumental 	<p>A Educação Física entra em crise</p>	<p>Está em busca de sua identidade, redescobrando seus objetivos, conteúdos e almejando seu reconhecimento frente aos demais componentes.</p> <p>Em busca também da superação da Hierarquia do Saber Escolar.</p>

HIERARQUIA DOS SABERES ESCOLARES



MATEMÁTICA – LING. ORAL E ESCRITA – CIÊNCIAS

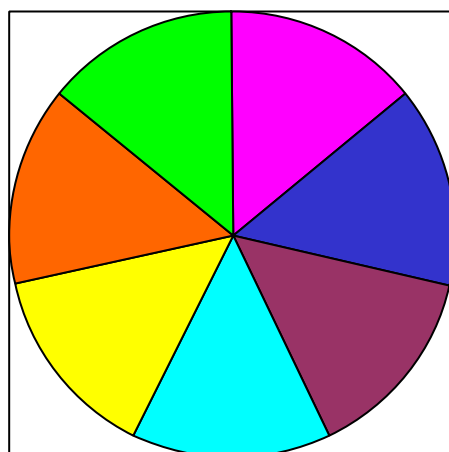


HISTÓRIA – GEOGRAFIA



EDUCAÇÃO FÍSICA – ARTES

A IDEALIZAÇÃO DOS SABERES ESCOLARES



- ED. FÍSICA
- ARTES
- HISTÓRIA
- MATEMÁTICA
- GEOGRAFIA
- LING. ORAL E ESCRITA
- CIÊNCIAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRACHT, Valter. Educação Física e Aprendizagem Social. Editora Magister, 1992.

CADERNOS CEDES, Corpo e Educação. Número 48.1ª edição. Campinas, agosto/99.

CAPARROZ, Francisco E. . Entre a educação física na escola e a educação física da escola – A educação física como componente curricular. CEFD/UFES. Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 1997.

COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE (CBCE). Educação Física Escolar Frente à LDB e aos PCNs: Profissionais analisam renovações, modismos e interesses. Ijuí: Sedigraf, 1997.

COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do Ensino de Educação Física. São Paulo: Cortez, 1992. (*Coleção Magistério 2º grau. Série formação do professor*)

GOODSON, Ivor. Etmologias, epistemologias e o emergir do currículo. In: Currículo: Teoria e história. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

GRUPO DE TRABALHO PEDAGÓGICO. Visão didática da educação física: Análises críticas e exemplos práticos de aulas. UFPE-UFSM. Rio de Janeiro: Ao Livro Teórico, 1991.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física/ Secretaria

de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 96p.

PICCOLO, Vilma L. Nista. (org.) Educação Física Escolar: Ser . . . ou não ter? 3ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

SACRISTÀN, J. Gimeno. Escolarização e Cultura: A dupla determinação. In: Novos Mapas Culturais, Novas Perspectivas Educacionais. Porto Alegre: Editora Sulina, 1997, p. 34-57.

SAVIANI, Demerval. A Nova Lei da Educação – Trajetória, Limites e Perspectivas. Campinas, SP: Autores Associados, 1997.

SNYDERS, Georges. A alegria na escola. Tradução: Bertha Halpern Guzovitz, Maria Cristina Caponero: São Paulo, Manole, 1988.

_____ Alunos Felizes – Reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários. Tradução Cátia Aida Pereira da Silva. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

SOARES, Carmem Lúcia. Educação Física – Raízes Europeias e Brasil. Campinas, SP: Editora Autores Associados, 1994.

_____ Imagens do corpo “educado”: um olhar sobre a ginástica do século XIX. In: FERREIRA NETO, Amarílio (org.). Pesquisa histórica na educação física. CEFD/UFES. Universidade Federal do Espírito Santo. Volume 2, Vitória, 1997.

_____ Educação Física Escolar: Conhecimento e Especificidade. In: Revista Paulista de

Educação Física. São Paulo, suplemento 2, 1996, p. 6-12.

_____ Sobre a formação do profissional em educação física: algumas anotações. In: DE MARCO, Ademir (Org.). Pensando a educação motora. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1995.

_____ Sobre Metodologia: Cultura, Ciência e Técnica. In: Revista da educação brasileira de ciências do esporte. Volume 16, n° 1, outubro, 1994.

SOARES, C. L., TAFFAREL, C. N. Z., ESCOBAR, M. O. A educação física escolar na perspectiva do século XXI. In: MOREIRA, W. W. (Org.). Educação Física & Esportes: Perspectivas para o século XXI. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1993, p. 211-224.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO – USP. Catálogo do curso de Pedagogia – 1999.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS – UNICAMP. Estrutura curricular do curso de Pedagogia – catálogo/98.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP. Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Araraquara. Catálogo do curso de Pedagogia. Edição 1998.

Giana Peres
Graduanda em Pedagogia pela
Universidade Estadual de Campinas
(UNICAMP)
gianiperes@zipmail.com.br
